

A ALIMENTAÇÃO DOS **POVOS INDÍGENAS** QUE VIVEM NOS **BIOMAS BRASILEIROS**

Paula Grazielle Viana dos Reis

A ALIMENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS QUE VIVEM NOS BIOMAS BRASILEIROS

Paula Grazielle Viana dos Reis

Ouro Preto/MG, setembro de 2023.



R375a Reis, Paula Grazielle Viana dos.

A alimentação dos povos indígenas que vivem nos biomas brasileiros [recurso eletrônico] / Paula Grazielle Viana dos Reis. – Belo Horizonte : Instituto Federal de Minas Gerais, 2023.
88 p. : il. color.

E-book, no formato PDF.

1. Povos indígenas . 2. Biomas brasileiros. 3. Alimentação.
I. Título.

CDU 392.8

Catálogo: Gláucia Maria Ferreira de Carvalho – CRB-6/2231



Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, EUA.



Reginato Fernandes dos Santos
Diretor-Geral do IFMG – Campus Ouro Preto

Ariana Cristina Santos Almeida
Diretora da Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação

Hugo Rafael Nogueira Gomes
Diretor da Diretoria de Extensão, Esporte e Cultura

Gabriel Teixeira Levenhagen Clebicar
Diretor da Diretoria de Administração e Planejamento

Gustavo Arrighi Ferrari
Diretor da Diretoria de Ensino

Thiago Duarte de Souza
Coordenador da Coordenadoria de Controle e Registro Acadêmico

Hudney Alves Faria de Carvalho
Coordenador da Coordenadoria de Planejamento de Ensino

Andrea Ferreira de Oliveira Calderaro
Coordenadora de Assuntos Pedagógicos e Estudantis

João Ricardo Basilio
Coordenador da Coordenadoria de Manutenção e Infraestrutura

Maria Aparecida Ponciano Gomes de Freitas
Coordenadora da Coordenadoria de Gestão de Pessoas

Viviane de Paula Silva
Coordenadora de Desenvolvimento Institucional

Maria Maciel de Godoy Mapa
Coordenador da Coordenadoria de Planejamento e Orçamento

Priscilla Martins Albuquerque Maia
Coordenadora de Assuntos Institucionais, Comunicação e Eventos



Agradecimentos

Agradeço enormemente a equipe do Nuted pela elaboração da proposta deste recurso educativo digital em formato de e-book.

Também, agradeço aos meus familiares e parentes pelo apoio e cuidados durante essa caminhada.

SUMÁRIO

07

Lista de Figuras

10

Apresentação

15

Projeto de Ensino

22

Planos de Ensino

79

Resultados

81

Referências
Fotográficas

83

Referências
Bibliográficas





LISTA DE FIGURAS



1. Página 30 – Chapéu (Pankararu). Fotografia desconhecido. Fonte: Verbete Pankararu PIB-ISA.
2. Página 31 – Trem (Krenak). Fotografia desconhecido. Fonte: Álbuns Cedefes.
3. Página 31 – Vaso de cerâmica (Kaxixó). Fotografia desconhecido. Fonte: Álbuns Cedefes.
4. Página 31 – Casas (Maxacali-Pataxó). Fotografia desconhecido. Álbuns Cedefes.
5. Página 33 – Rio Doce. Fonte: Verbete Parque Estadual do Rio Doce em Wikipédia/IEF.
6. Página 33 – Rio Doce (Krenak). Fotografia desconhecido. Fonte: Álbuns Cedefes.
7. Página 34 – Rio Doce (Parque Estadual do Rio Doce). Fotografia desconhecido. Fonte: Álbuns Cedefes.
8. Página 35 – Mapa de Minas Gerais: Unidades de Conservação estaduais. 2021. Fonte: IEF.
9. Página 65 – Pico da bandeira. Fonte: website do município Alto do Caparaó.
10. Página 66 – Pico do Itacolomi. Fonte: IEF.
11. Página 67 – Mapa da América do Sul: Museus indígenas no Brasil. 2019. Fonte: Alexandre Gomes (2019).



12. Página 68 – Mapa do Brasil: Museus indígenas no Brasil. 2019. Fonte: Alexandre Gomes (2019).
13. Página 69 – Tabela de Museus indígenas ou iniciativa museológica. Fonte: Alexandre Gomes (2019).
14. Página 69 – Tabela de Museus indígenas ou iniciativa museológica. Fonte: Alexandre Gomes (2019).
15. Página 70 – Gráficos e tabelas – População residente, segundo situação do domicílio e condição indígena – Brasil 1991/2010. Fonte: Censo demográfico 1991/2010 – IBGE.





APRESENTAÇÃO



O presente recurso educativo digital (apostila) busca destacar alguns temas e cenários socioculturais tornados eclipsados nos currículos escolares e acadêmicos, a saber, a história e a cultura dos povos indígenas, como demonstrou Daniel Munduruku (2015). Sobretudo, numa região de intensa urbanização em Minas Gerais. Conforme as novas classificações geográficas propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a cidade de Ouro Preto faz parte da região imediata de Santa Bárbara-Ouro Preto composta de seis municípios, que por sua vez compõem a Região Geográfica Intermediária de Belo Horizonte. Para entender a complexidade da Região Intermediária de Belo Horizonte, composta de cinco regiões imediatas totalizando um total de setenta e quatro municípios, também é importante considerar os aspectos hidrográficos, climáticos, de relevo e vegetação, bem como a organização socioeconômica em uma perspectiva histórica e geológica. Tudo isso para que seja possível entender a sociodiversidade presente na zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região e vislumbrar através de imagens técnicas e de arquivo as potencialidades para uma transição ecológica, uma vez que nesta região encontra-se a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.

Assim, tal recurso educacional pode ser usado no escopo dos componentes curriculares obrigatórios, em especial, no âmbito das disciplinas vinculadas ao colegiado das humanidades e ciências sociais aplicadas (conforme a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação), que são ministradas para os cursos regulares da educação profissional, da educação básica e superior. Como também para as diversas modalidades de ensino, em especial, para a



Educação de Jovens e Adultos. Este recurso educativo digital dialoga com preceitos propostos no escopo das áreas do conhecimento da antropologia/arqueologia, das artes e transversalmente com a educação ambiental e patrimonial. Pois, pretende contribuir com os educandos para aquisição de habilidades relacionadas à percepção ambiental, o reconhecimento e a promoção de direitos. Com isso, almeja-se que essas práticas inovadoras de ensino proporcionem uma educação antirracista, uma educação para as relações étnico-raciais respeitadas, igualitárias e cidadãs. Para a realização de metodologias e práticas colaborativas no campo do ensino numa perspectiva da antropologia compartilhada e da educação patrimonial e ambiental o que faz-se necessário cada vez mais é uma maior articulação do ensino com a pesquisa e a extensão (FILHO, MENDES, SANTOS, 2015).

Sendo assim, de forma ampla, esta apostila pretende aderir às diretrizes presentes na Lei Federal 11.645 de 2008, do Programa Institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID Capes) e Plano Nacional de Educação (2014-2024), que diz sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em outros termos, como sensibilizar os/as adolescentes, os/as jovens e os/as adultos acerca dos cuidados com a preservação de um rio? Como reconhecer o patrimônio cultural? Como promover a educação patrimonial sem o estabelecimento de conexões com os potenciais cidadãos, foco das políticas culturais de reconhecimento e da preservação do patrimônio cultural?

Neste sentido, a contribuição deste projeto de ensino é criar mostras fotográficas no campo educacional para fazer circular os objetos fílmicos, que demonstrem os lugares, no sentido dado por Tim Ingold (2005), a saber, as



histórias das pessoas que vivem na região da Serra do Espinhaço. No intuito, de promover a sensibilização dos estudantes a partir do incentivo a percepção ambiental e contribuir para as relações antirracistas (LÉVI-STRAUSS, 2017).

Por isto, o que nos diz Ailton Krenak (2020) é tão enriquecedor para o nosso pensamento:

“Ainda há ilhas no planeta que se lembram o que estão fazendo aqui. Estão protegidas por essa memória de outras perspectivas de mundo. Essa gente é a cura para a febre do planeta, e acredito que podem nos contagiar positivamente com uma percepção diferente da vida” (KRENAK, 2020, p. 73).

Paulatinamente, a culinária feita em Brasil vem sendo reconhecida como patrimônio cultural, o acarajé em Salvador (Bahia), a cajuína no Piauí e os sistemas agrícolas dos povos indígenas do rio Negro no Amazonas (Amazônia), são notáveis exemplos. Em especial, sobre os povos originários percebemos que há diversos elementos da culinária indígena, que estão na mesa da comida brasileira, como a mandioca e o milho. Todavia, o reconhecimento ainda é tão residual. Como nos chama atenção a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (1992) em Introdução a uma história indígena do livro História dos índios no Brasil:

“Por má consciência e boas intenções, imperou durante muito tempo a noção de que os índios foram apenas vítimas do sistema mundial, vítimas de uma política e de práticas que lhes eram externas e que os destruíram. Essa visão, além de seu fundamento moral, tinha outro, teórico: é que a história, movida pela metrópole, pelo capital, só teria nexos



em seu epicentro. A periferia do capital era também o lixo da história. O resultado paradoxal dessa postura “politicamente correta” foi somar à eliminação física e étnica dos índios sua eliminação como sujeitos históricos” (CARNEIRO DA CUNHA, 1992, p. 17-18).

Na verdade, o contexto deste alerta feito pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha e demonstrado com a citação acima está conectada com as diversas ações políticas e artísticas protagonizadas pelos movimentos indígenas e ecológicos, em especial, os eventos que ocorreram no Brasil em 1992, sobretudo, com a organização da Eco-92; quando foram destacados os quinhentos anos da chegada dos espanhóis para invasão e conquista do continente americano. De alguma forma, isto ressoa ou corrobora, em outros termos, com algo já notado pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss em 1956, conforme esta citação retirada do livro Antropologia estrutural.

“A etnologia, ciência residual por excelência, já que a parte que lhe cabe é o “resíduo” de sociedades que as ciências humanas tradicionais não tinham se dignado a tratar (justamente porque as consideravam “a-estruturais”), só pode, por vocação própria, utilizar o método dos resíduos” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 464).

Isto também está no horizonte e, de alguma maneira, é mencionado por pesquisadora/es que atuam no âmbito das políticas culturais de promoção, garantia e proteção destes direitos (CARNEIRO DA CUNHA, 2009; COELHO DE SOUZA, 2010; IEPHA, 2015). Uma vez que, a história da política brasileira de preservação do patrimônio cultural colide algumas vezes com os desafios postos no que recém estamos denominando como Antropoceno (LATOUR, 2014; HARAWAY, 2017).





PROJETO DE ENSINO



Introdução

O presente Projeto de ensino "A alimentação entre os povos indígenas situados a zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região" que versa sobre os temas transversais da cultura e história indígena pretende articular o ensino com as seguintes propostas de iniciação à pesquisa social a serem desenvolvidas com os estudantes matriculados nas disciplinas que compõem as matrizes curriculares dos cursos oferecidos no IFMG. Para tanto, tais atividades de pesquisa propostas no âmbito do ensino articulada com as tecnologias digitais e mediadas pelo ensino híbrido com o uso das plataformas virtuais de aprendizagem. Tais atividades serão avaliadas no escopo do componente curricular e ao término de tal caminhada serão divulgadas para a comunidade escolar e acadêmica, preferencialmente, na página do Padlet da Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação e na Galeria de Arte Ney Codka do IFMG Campus Ouro Preto. A carga horária para realização destas atividades de ensino e pesquisa vinculadas ao projeto de ensino corresponde a 15 horas/aula.



Justificativa

Segundo o Art. 2º da Instrução Normativa nº 2 de 23 de janeiro de 2019 sobre a caracterização de um **Projeto de Ensino** no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG),

os **projetos de ensino** são atividades temporárias de desenvolvimento educacional que visam à reflexão e à melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem, desenvolvidas em momentos distintos daqueles destinados à carga horária regular das disciplinas dos cursos. §1º Os projetos de ensino serão desenvolvidos sob a responsabilidade e orientação de servidor/a pertencente ao quadro efetivo do IFMG, podendo ser executados no âmbito do campus ou de forma multicampi. §2º Os projetos de ensino têm como público-alvo as comunidades escolar e acadêmica. Art. 3º São considerados projetos de ensino: II. práticas inovadoras de ensino; III. proposição de metodologias e materiais pedagógicos inovadores; Art. 4º Os projetos de ensino têm por objetivo: X. proporcionar vivências curriculares compatíveis com **temas e cenários socioculturais** emergentes.

Sendo assim, o presente projeto de ensino busca fazer parcerias com os povos indígenas e se possível criar vínculos, pelo menos, pelas redes sociais digitais com os professores indígenas e destacar no escopo das disciplinas dos cursos regulares do IFMG os cenários socioculturais e os biomas brasileiros. Pois, identificamos, que os temas que versam acerca da história e da cultura dos povos indígenas estão sendo abordados de modo eclipsado nos currículos escolares. Sobretudo, na região de intensa urbanização no território mineiro e brasileiro. Conforme as novas classificações geográficas propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a cidade de Ouro Preto faz parte da sub-região Santa Bárbara-Ouro Preto composta de seis



municípios, que por sua vez compõe a Região Geográfica Intermediária de Belo Horizonte (Minas Gerais). Para entender a complexidade da Região Geográfica Intermediária de Belo Horizonte composta de 05 sub-regiões totalizando um total de 74 municípios, é importante considerar os aspectos hidrográficos, climáticos, de relevo e vegetação, bem como os dados sociodemográficos e a organização socioeconômica em uma perspectiva histórica. Tudo isso para que seja possível entender a sociodiversidade presente na zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região e vislumbrar através de imagens técnicas e de arquivo potencialidades para uma transição ecológica.

Assim, tal projeto de ensino que versa sobre temas transversais dialoga com preceitos propostos no escopo de uma educação ambiental e patrimonial, a saber: a instauração da percepção ambiental; o vislumbre do reconhecimento da sociodiversidade; a promoção de direitos. Com isso, almeja-se que essas práticas inovadoras de ensino proporcionem uma educação antirracista, uma educação para a existência de relações étnico-raciais respeitadas e cidadãs. Pois, com a elaboração deste projeto de ensino e sua execução no espectro dos componentes curriculares obrigatórios ou optativos das matrizes curriculares dos cursos oferecidos pelo IFMG, esperamos com esta e publicação contribuir e apoiar os professores com o trabalho docente e a concretização de abordar os temas transversais em suas aulas e de alguma forma potencializar a valorização dos povos tradicionais e indígenas.



Objetivos

- Sensibilização para a educação patrimonial.
- Sensibilização para a educação ambiental.
- Caracterização da zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região.
- Mapeamento dos povos indígenas situados na zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região.
- Iniciação à pesquisa com o uso de fotos (imagens técnicas e de arquivo).
- Leitura de imagens.
- Cartografias sociais com os povos indígenas.
- Iniciação à pesquisa com o uso de fotografias (imagens técnicas).
- Curadoria de fotos para Mostra de fotos virtual e coletiva.
- Ensaio fotográfico para Mostra de fotos virtual e coletiva.
- Reconhecimento das histórias dos povos indígenas e da cultura indígena.
- Organização de uma Mostra Fotográfica na Galeria Ney Cokda durante a programação da Semana de Ciência e Tecnologia.



Metodologia

Conforme o calendário acadêmico do IFMG, os estudantes matriculados nos cursos técnicos e superiores, poderão desenvolver atividades de iniciação à pesquisa social com o uso de imagens no escopo de pelo menos uma das disciplinas ofertadas integrantes da matriz curricular do curso e da área do conhecimento das Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas, sob responsabilidade de um docente desta área. Tais atividades de iniciação à pesquisa podem ser descritas conforme as técnicas discutidas no âmbito das artes visuais e da antropologia visual (CAIUBY NOVAIS, 2016; CAIXETA DE QUEIROZ, 2008; EDWARDS, 2016; SAMAIN, 2012). Especificamente, ações de pesquisa consistem em:

- 1** Fazer fotografias em um estudo de caso para Mostra de Fotos Virtual e Coletiva “A alimentação entre os povos indígenas situados na zona mineiro-metalúrgica de Ouro preto e região”.
- 2** Leitura de imagens técnicas e de arquivo para mapeamento e identificação dos povos indígenas situados na Região Geográfica Intermediária de Belo Horizonte.
- 3** Uso de fotos presentes em acervos e coleções etnográficas para a elaboração de uma curadoria de fotos para compor a Mostra de Fotos Virtual e Coletiva “A alimentação entre os povos indígenas situados na zona mineiro-metalúrgica de Ouro Preto e região”.
- 4** Organização da *Mostra Fotográfica* na Galeria Ney Cokda para a programação anual da Semana de Ciência e Tecnologia.



Cronograma

Aula 1	Apresentações: a) Projeto de ensino; b) Ambientação no Ambiente Virtual de Aprendizagem – Núcleo de Tecnologias Educacionais e Educação a Distância – Nuted do IFMG e c) Temas Transversais.
Aula 2	Temas Transversais – Povos indígenas, alimentação e a fome.
Aula 3	Temas Transversais – Patrimônio cultural, coleções etnográficas e a culinária indígena.
Aula 4	Atividade Avaliativa – Iniciação à Pesquisa Social. Etapa 1.
Aula 5	Atividade Avaliativa – Iniciação à pesquisa social e a importância da educação ambiental e educação patrimonial.
Aula 6	Temas Transversais – Povos Indígenas em Minas Gerais.
Aula 7	Temas Transversais – Povos Indígenas dos Biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.
Aula 8	Temas Transversais – Serra do Espinhaço e Região Intermediária de Belo Horizonte.
Aula 9	Temas Transversais – Povos Indígenas: listagem de coletivos e websites.
Aula 10	Temas Transversais – Atividade Avaliativa: Organização de uma visita técnica.
Aula 11	Atividade Avaliativa – Iniciação à pesquisa social. Etapa 2.
Aula 12	Atividade Avaliativa – Iniciação à pesquisa social. Atividade Avaliativa. Etapa 3.
Aula 13	Atividade Avaliativa – Iniciação à pesquisa social. Atividade Avaliativa. Etapa 4.
Aula 14	Atividade Avaliativa – Iniciação à pesquisa social. Atividade Avaliativa. Etapa 5. Organização da Mostra Fotográfica
Aula 15	Atividade Avaliativa – Organização da Mostra Fotográfica na Galeria Ney Cokda, do IFMG Campus Ouro Preto.





PLANO DE ENSINO



Plano de Aula 1 – Apresentações

- a) Ambiente Virtual de Aprendizagem
- b) Projeto de ensino
- c) Temas Transversais



Plano de Aula 2 – Temas Transversais: Povos indígenas, alimentação e a fome.

A antropologia da alimentação

“...os antropólogos mostraram desde cedo um interesse considerável na tecnologia de busca e de uso da comida nas culturas que estudavam” (MINTZ, 2001, p. 36).

“... Lévi-Strauss (1968): “A cozinha é uma linguagem na qual a sociedade traduz inconscientemente sua estrutura, a não ser que, sempre inconscientemente, ela se resigne a revelar suas contradições por meio dela”. A escolha dos alimentos, a maneira de prepará-los e consumi-los são, de fato, reveladores da estrutura e do funcionamento de uma sociedade (KATZ, 2016, p. 16).

“A comida foi então um capítulo vital na história do capitalismo, muito antes dos dias de hoje: como alimentar pessoas, e como fazer dinheiro alimentando-as. No Brasil, no Caribe e mais tarde por toda parte, o capitalismo tinha como alvo a satisfação de antigos desejos por novos meios, e, assim, ajudou a fazer o mundo global, muito antes de nossos dias. Durante dois séculos, a cana-de-açúcar baniu implacavelmente o mel, o açúcar de bordo, a alfarroba e todos os outros adoçantes, exceto para produção de especialidades enfrentando seu principal desafio, açúcar de beterraba, apenas em meados do século XIX. As plantações de cana-de-açúcar, junto com as fazendas de café, as destilarias de rum e as lavouras de tabaco, instigadas pelo chá da China, dissolveram as fronteiras entre o alimento e a droga, estimulando apetites dos novos proletários, e facilitando o sucesso do capitalismo nas terras do coração da Europa” (MINTZ, 2001, p. 33).

O problema social da fome no Brasil

Os superalimentos desprezados que poderiam ajudar a reduzir a fome no Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=4bcAMI2IFIs>



OS POVOS INDÍGENAS

Famílias Linguísticas

Tronco Tupi	Tronco Macro-Jê	Outras Famílias
Tupi-Guarani: Aikewara, Amanayé, Amondawa, Anambé, Apiaká, Araweté, Asuriní do Tocantins, Asuriní do Xingu, Avá-Canoeiro, Awa, Guajá, Guajajara, Guarani, Guarasugwe, Jiahui, Juma, Ka'apor, Kamaiurá, Kambeba, Karipuna de Rondônia, Kawaiiwete (Kaiabi), Kokama, Parakanã, Parintintin, Tapirapá, Tembê, Tenharim, Wajãpi, Xetá, Zo'ê Arikém: Karitiana Awetí: Awetí Jurúna: Xipaya, Yudja Mondé: Aruá, Cinta larga, Ikolen, Suruí Paiteer, Zoró Tupari: Akuntsu, Makurap, Sakurabiat, Tupari, Wajuru Mundurukú: Kuruaya, Munduruku Ramaráma: Karó Mawé: Sateré Mawé	Jê: Apinayé, Canela Memortumrá, Canela Apanyekrá, Gavião Akratikatêjê, Gavião Kykatejê, Gavião Parkatêjê, Gavião Pykopjê, Kaingang, Kisédjê, Krehô, Krahô-Kanela, Krehyê, Krikatí, Mëbengôkre Kayapó, Panará, Tapayuna, Xakriabá, Xavante, Xerente, Xikrin, Mëbengôkre, Xokleng Karajá: Iny Karajá, Javaé, Karajá do Norte Bororo: Boé (Bororo), Umutina Maxakali: Pataxó, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Tikmü'ün (Maxakali) Krenák: Krenak Guatô: Guatô Ofayé: Ofaié Rikbaktá: Rikbaktá	Karib: Akuriyó, Aparai, Arara, Bakairi, Galibi, Ka'lina, Hixkaryana, Ikpeng, Ingarikó, Kahyana, Kalapalo, Katwena, Katxuyana, Kuikuro, Macuxi, Matipu, Nahukuá, Naruvotu, Patamona, Saporá, Taurepang, Tiriyo, Tunayana, Txikiyana, Waimiri Atroari, Waiwai, Wayana, Xerew, Ye'kwana Aruak: Ashaninka, Baniwa, Baré, Enawenê-nawê, Kinikinau, Koripako, Manchineri, Mawayana, Mehinako, Palikur, Paresi, Tariana, Terena, Wapichana, Warekena, Wauja, Yawalapiti Pano: Arara Shawãdawa, Huni Kuin, Katukina Pano, Kaxarari, Korubo, Kulina Pano, Kuntanawa, Marubo, Matis, Matsés, Nukini, Puyanawa, Shanenawa, Xinana, Yaminawá, Yawanawá Tukano: Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapaná, Kotiria, Kubeo, Makuna, Mirity-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Tukano, Tuyuka Arawá: Banawá, Deni, Jamamadi, Jarawara, Madiha (Kulina), Paumari, Suruwaha Naduhup: Dãw, Hupda, Nadób, Yuhupdêh Katukina: Kanamari, Katukina do Rio Biá, Tsohom-dyapa Txapacura: Kujubim, Oro Win, Torá, Warí' Iranxe: Iranxe Manoki, Myky Jabuti: Arikapó, Djeoromitxi Mura: Mura, Pirahã Aikaná: Aikaná, Kassupá Bora: Miranha Chiquito: Chiquitano Creoulo: Galibi-Marworno, Karipuna do Amapá Guaikuru: Kadiwéu Kanoé: Kanoé Koazó: Kwazó Nambikwára: Nambikwara Samuko: Ayoreo, Chamacoco Tikuna: Ticuna Trumái: Trumai Yanomami: Yanomami, Yanoma, Sanóma, Ninam, Yãroamê, Yanomam Warao: Warao Witoto: Witoto

Língua Portuguesa

Anacé, Anapuru Muypurá, Aranã, Arapium, Arara da Volta Grande do Xingu, Arara do Rio Amônia, Arara do Rio Branco, Arara Vermelha, Atikum, Borari, Cara Preta, Charrua, Fulkaxó, Gamela, Gueguê do Sangue, Jaraqui, Jenipapo-Kanindé, Jiripancó, Kaimbé, Kaixana, Kalabaça, Kalankó, Kamba, Kambiwá, Kanindé, Kantaruré, Kapinawa, Karapotó, Kariri, Kariri-Xokó, Karuazu, Kaxixó, Kiriri, Koiupanká, Kumaruara, Maraguá, Migueleno, Mukurín, Nawa, Pankaiuká, Pankará, Pankararé, Pankararu, Pankaru, Payayá, Pipipá, Pitaguary, Potiguara, Puri, Tabajara, Tapajó, Tapeba, Tapuia, Tingui Botó, Tremembé, Truká, Tumbalalá, Tupaiú, Tupinambá, Tupiniquim, Turiwara, Tuxá, Tuxi, Wassu, Xokó, Xukuru, Xukuru-Kariri

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL 2017-2022 - INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
DESTAQUES DO PERÍODO 2017 - 2022 | 175

Fonte: Povos indígenas no Brasil 2017-2022 – Instituto Socioambiental



Plano de Aula 3 – Temas Transversais: Patrimônio cultural, coleções etnográficas e a culinária indígena.

PARTE 1 – Alimentação, Patrimônio, dinâmicas sociais

Gastronomização das cozinhas por Jean Pierre-Poulain (p. 33-56):

França – século XX

- Cozinha local (culinárias regionais)
- Gastronomia – processo de “gastronomização”
- Patrimônio cultural (a culinária como expressão da cultura francesa)

Contexto francês:

- 1) Riqueza gastronômica concomitantemente à percepção dos riscos que assolam esse modo de preparo da alimentação.
- 2) A conscientização dos impactos sociais e ecológicos do estabelecimento de um sistema agronutricional globalizado e o processo de valorização da cozinha local.
- 3) A importância das políticas de patrimônio cultural para o reconhecimento do modo de fazer a comida local que antes era considerada caipira e transformou-se em uma comida de qualidade, pois preparada de um modo excelente.



Contexto italiano:

– Processos de valorização de produtos locais em sociedades contemporâneas.

Contexto brasileiro:

Partimos de dados de pesquisas realizadas em diferentes regiões rurais e na capital do Estado do Rio Grande do Sul, para problematizar o tema em diálogo com a literatura internacional pertinente. Dado um contexto em que é possível perceber uma significativa ansiedade urbana quanto à alimentação e uma intensa mobilidade material e simbólica entre campo e cidade, observamos um rural valorizado positivamente, até mesmo idealizado. Mas, se é possível observar processos de valorização de produtos locais associados a imagens idealizadas de rural, é significativo também apreender outros tipos de motivações, quer sejam associadas à ideia de alimentação saudável, quer sejam vinculadas a engajamentos políticos ou ainda a apelos que buscam fortalecer identidades e tradições culturais. Na análise do consumo de produtos locais, encontram-se elementos que possibilitam a apreensão das dinâmicas de desenvolvimento rural: por isso, “do consumo à produção” e daí o interesse em “cruzar olhares”.

- Pesquisas realizadas em diferentes regiões rurais e na capital (Porto Alegre) do Estado do Rio Grande do Sul, para problematizar o tema em diálogo com a literatura internacional pertinente.
- Campo e cidade:
 - um contexto de ansiedade urbana em relação à alimentação e percebemos igualmente uma intensa mobilidade material e simbólica entre campo e cidade.



- Os produtos locais, que remetem a esse rural idealizado – a qual se apresenta concomitantemente àquela por paisagens, costumes, festas, história, turismo, mas também sua incidência na própria conformação do rural como vivenciado pelos que nele habitam.

- Observar processos de valorização de produtos locais associados:
 - * a imagens idealizadas do rural (imagens de sabores perdidos);
 - * a ideia de alimentação saudável;
 - * quer sejam vinculadas a engajamentos políticos ou
 - * ainda a apelos que buscam fortalecer identidades e tradições culturais.

- Do consumo à produção:
 - * consumo dos produtos locais – natural e rural > qualidade dos alimentos

As tendências no sentido da valorização do rural e do natural, dos produtos da terra – aparentemente associadas a um amplo processo que envolve não só a (re)valorização de sistemas produtivos locais como também a aproximação entre produtores e consumidores – estão em consonância com os argumentos de Goodman (2003), que considera que o atual momento histórico indica deslocamento da padronização e da lógica da produção de mercadorias em massa em direção à qualidade alicerçada em confiança, tradição, com base no local, em produtos ecológicos e novas formas de organização econômica.



Plano de Aula 4 – Atividade Avaliativa: Iniciação à Pesquisa Social. Etapa 1.

- As atividades avaliativas fazem parte das 15 horas/aulas e deverão ser feitas individualmente ou em dupla ou trio.
- A realização da pesquisa “*A alimentação entre os povos indígenas situados na zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região*” está dividida em cinco etapas. Os trabalhos solicitados em cada etapa deverão ser entregues por meio do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA) da plataforma moodle do IFMG, conforme as instruções abaixo na descrição desta tarefa. Para tanto, nós organizaremos uma Mostra de Fotos Virtual e Coletiva, que ficará exposta no PADLET da Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do IFMG - Campus Ouro Preto.

Etapa 1: “Primeiros passos...”

- Compreensão das instruções das atividades complementares de iniciação à pesquisa com o tema *A alimentação entre os povos indígenas situados na zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região* em consonância com os conceitos revisitados durante as aulas da disciplina Filosofia e Sociologia II. Sendo que isto, deverá ser expresso no relatório de pesquisa solicitado nas próximas etapas desta pesquisa.
- Ler o Manual de normalização do IFMG (<https://www.ifmg.edu.br/portal/ensino/bibliotecas/manual-de-normalizacao-do-ifmg>), uma vez que realização destas atividades complementares deverão ser consideradas como trabalhos acadêmicos.
- Ler o Manual técnico e didático: para cartografias sociais entre povos indígenas que vivem na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (M.G.) compartilhado pelo AVEA Moodle.



Plano de Aula 05 – Atividade Avaliativa: Iniciação à pesquisa social e a importância da educação ambiental e educação patrimonial

Povos Indígenas em Minas Gerais

“
... o aviso ao lado dos trilhos do trem não dizia ao pedestre “fique de pé, veja e ouça”. Ele dizia: “pare, olhe e escute”.

Tim Ingold (2008)

”

PANKARARU



Figura 1 – Chapéu (Pankararu).
Fotógrafo desconhecido.
Fonte: Verbete Pankararu PIB-ISA.

Em Araçuaí, na virada do século XX, teve início o processo de identificação da Terra Indígena Cinta Vermelha de Jundiba, situada na bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha, por conta do encontro do povo Pankararu vindos da Terra Indígena Pankararu situada na bacia hidrográfica São Francisco com o povo Aranã (T.I. Aranã – em processo). Conforme o CEDEFES e o ISA, o convívio entre esses dois povos contribuíram para ampliar a valorização e a luta por direitos indígenas e territoriais. Foto: Acervo ISA.





Figura 2 – Trem (Krenak). Fotógrafo desconhecido. Fonte: Álbums CEDEFES.



Figura 3 – Vaso de cerâmica (Kaxixó).
Fotógrafo desconhecido.
Fonte: Álbums CEDEFES.







Figura 4 – Casas (Maxacali-Pataxó).
Fotógrafo desconhecido.
Fonte: Álbums CEDEFES.



Terras Indígenas em Minas Gerais

1.Aranã	6.Kamakã	11.Krenak	16.Pataxó hã-hã-hãe	21.Tuxá
2.Canoeiro (Tapuia)	7.Kapinawá	12.Maxakali	17.Puris	22.Xakriabá
3.Carajá (Karajá)	8.Kariri- Sapuyá	13.Mukuriñ	18.Quechuá	23.Xukuru- Kariri
4.Catu-Awá- Arachás	9.Kaxixó	14.Pankararu	19.Tukano	24.Warao
5.Guarani	10.Kiriri	15.Pataxó	20.Tupinambá	25.Indígenas (em "Territórios urbanos")

Legenda acerca das Terras Indígenas:

-  Processo concluído de demarcação das terras indígenas.
-  Processo concluído de demarcação da terra indígena, mas ainda há processos em aberto de identificação e/ou reestudo.
-  Em identificação.
-  Não consta na base de dados do ISA.

*Para saber mais: consulte e pesquise no website Terras Indígenas
no Brasil elaborado pelo Instituto Socioambiental – ISA*



Povos Indígenas dos biomas da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica



Figura 5 – Rio Doce.

Fonte: Verbete Parque Estadual do Rio Doce em Wikipédia/ IEF.



Figura 6 – Rio Doce (Krenak).

Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Álbums Cedefes.





Figura 7 – Rio Doce (Parque Estadual do Rio Doce).

Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Álbuns Cedefes.



A alimentação dos Povos Indígenas
que vivem nos Biomas Brasileiros

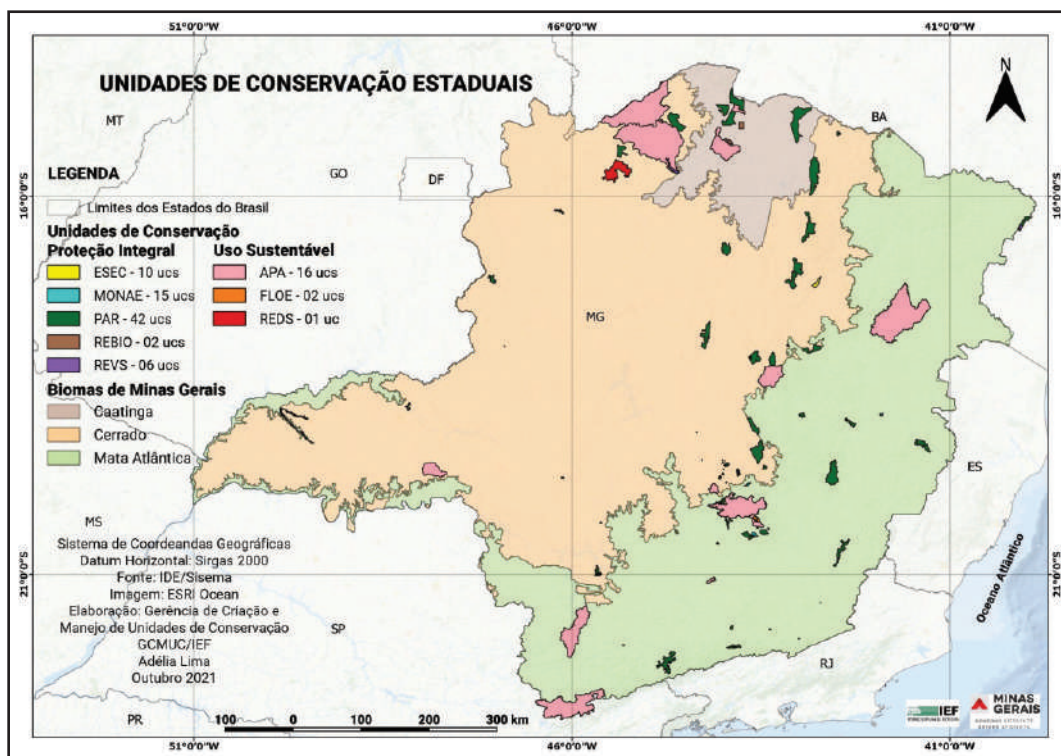


Figura 8 – Mapa de Minas Gerais: Unidades de Conservação estaduais. 2021.

Fonte: IEF.



1. ARANÃ

Terra indígena em processo de identificação em Minas Gerais.

Município Araçuaí, Belo Horizonte, Betim, Contagem, Coronel Murta, Esmeralda, Juatuba, Pará de Minas, Sarzedo, Virgem da Lapa.

Bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha e do Rio São Francisco.

Bioma Caatinga e Cerrado.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Beira d'água.
- c) Website CBH Rio das Velhas.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website contracartografias.
- f) Website Festival Seres-Rios.
- g) Website Funai.
- h) Website ISA.
- i) Website Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG



2. CANOEIROS (TAPUIA/TAPUIO)

Terra Indígena não identificada em Minas Gerais e em estudo.

Município Coronel Murta.

Bacia Hidrográfica do Rio Jequitinhonha.

Bioma Cerrado e Mata Atlântica.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CEDEFES
- d) Website Funai
- e) Website ISA
- f) Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG



3. CARAJÁ (Karajá e Pataxó Hã-Hã-Hãe)

Terras Indígenas em processo de identificação no na Bahia, Tocantins e em estudo em Minas Gerais.

Município de Belo Horizonte (em estudo).

Bacia hidrográfica do Rio Amazonas e do Rio São Francisco.

Bioma Cerrado.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Museu Indígena Iny Heto – Museu dos povos indígenas da Ilha do Bananal (Iny Heto – Casa do Povo Iny) situado na Terra Indígena Araguaia – Tocantins.
- b) Museu Paraense Emílio Goldi situado em Belém – Pará.
- c) Website Apib.
- d) Website do Arquivo Público Mineiro.
- e) Website CBH Rio das Velhas.
- f) Website CEDEFES.
- g) Website Cinemateca Brasileira: 10 filmes sobre o Povo Karajá.
- h) Web contracartografias.
- i) Website ISA.
- j) Website Laboratório de antropologia da imagem e do som/ LISA–USP.
- k) Website Mae USP.



4. CATU-AWA-ARACHÁS

Terra Indígena não identificada em Minas Gerais e em estudo.

Município Araxá.

Bacia Hidrográfica do Rio Paraná (Alto Paranaíba).

Bioma Cerrado.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CEDEFES.
- d) Website CIMI.
- e) Website Funai
- f) Website Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG.



5. GUARANI

Terra Indígena não identificada em Minas Gerais e em processo de identificação em vários estados brasileiros.

Município não identificado em Minas Gerais (em estudo).

Bacia hidrográfica do Rio Paraná e do litoral do oceano Atlântico.

Bioma Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).
- b) Museu Paranaense.
- c) Ponto de Memória Ywu Porã.
- d) Website Alguma cosmopolítica entre os índios Xetá e Tapirapé.
- e) Website Apib.
- f) Website do Arquivo Público Mineiro.
- g) Website CEDEFES.
- h) Website Cinemateca Brasileira: no acervo há 184 filmes sobre o povo Guarani.



- i) Website Festival seres-rios: filme dirigido por Graciela Guarani
<https://seresrios.org/filmes/opara-morada-de-nossos-ancestrais/>
- j) Website Funai.
- k) Website ISA.
- l) Website MAE USP.
- m) Website Mapa Continental Guarani Retã:
<http://www.icsoh.unsa.edu.ar/mapa-continental-guarani-reta/>



6. KAMAKÃ (Pataxó Hã-Hã-Hãe)

Terra Indígena Caramuru/ Paraguassu (Bahia) e em estudo em Minas Gerais.

Município de Belo Horizonte, Contagem, Esmeraldas e Ibirité.

Bacia hidrográfica do Rio São Francisco.

Bioma Cerrado e Mata Atlântica.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CBH Rio das Velhas.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website CIMI.
- f) Web contracartografias.
- g) Website Funai.
- h) Website ISA.



7. KAPINAWÁ

Terra Indígena Kapinawá (Pernambuco) e em estudo em Minas Gerais.

Município não identificado.

Bacia hidrográfica do Rio São Francisco.

Bioma Cerrado e Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Arquivo Público Mineiro.
- c) Website Beira d'água.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website CIMI.
- f) Web contracartografias.
- g) Website Funai.
- h) Website ISA.



8. KARIRI-SAPUYÁ (Pataxó Hã-Hã-Hãe)

Terras Indígenas em estudo e em processos de identificação na Bahia (Jequié) e em vários estados, conforme Adriana Carajá, a pesquisa feita por Curt Nimuendaju indica que os Kariri-Sapuyá viveram na aldeia Santa Rosa (CARAJÁ, 2021).

Região metropolitana de Belo Horizonte.

Bacia hidrográfica do Rio São Francisco.

Bioma Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CBH Rio das Velhas.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website CIMI
- f) Web contracartografias.
- g) Website Funai.
- h) Website ISA



9. KAXIXÓ

Terra Indígena identificada em Minas Gerais

Município Martinhos Campos e Pompéu.

Bacia hidrográfica São Francisco (alto)

Bioma Cerrado.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Rede social Instagram @povo_kaxixo
- b) Website Apib.
- c) Website do Arquivo Público Mineiro.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website Funai.
- f) Website ISA.
- g) Website Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG (Caxixó).



10. KIRIRI

Terras Indígenas identificadas na Bahia.

Município não identificado em Minas Gerais (em estudo).

Bacia hidrográfica.

Biomas Caatinga e Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CEDEFES.
- d) Website CIMI.
- e) Website Cinemateca Brasileira: Povos Indígena Kiriri - 1 filme.
- f) Website ISA.



11. KRENAK

Terras Indígenas identificadas e em processo: em Minas Gerais.

Municípios Carmésia, Dolores de Guanhanes, Resplendor.

Bacia Hidrográfica do rio Doce.

Bioma Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Instagram Ailton Krenak (vídeos Os mil nomes de gaia: <https://youtu.be/k7C4G1jVBMs>)
- b) Museu Akãm Orãm Krenak (Novo Olhar) situado em São Paulo.
- c) Youtube, MPMG (Filme documentário Guerra sem fim (2016). 30 minutos, ver em <https://youtu.be/DfkGVfkJpAM>)
- d) Website Apib.
- e) Website CEDEFES.
- f) Website Cinemateca Brasileira: 46 filmes do Povo Krenak.
- g) Website Companhia das Letras (ver livros: KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020).



- h) Website Festival Seres-rios.
- i) Website Funai.
- j) Website ISA.
- k) Website Laboratório de Antropologia da Imagem e do Som/ LISA-USP.
- l) Website NETFLIX (As Guerras da Conquista. Guerras do Brasil. Série Netflix. Episódio 1. 25'. 2018. As Guerras de Palmares. Guerras do Brasil. Série Netflix. Episódio 2. 19'. 2018).
- m) Website Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG.



12. MAXACALI

Terras Indígenas Ham Yixux e Maxacali.

Município Bertópolis, Ladainha e Santa Helena de Minas.

Bacia hidrográfica do Rio Mucuri.

Bioma Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CEDEFES.
- d) Website Cinemateca Brasileira: 07 filmes sobre o Povo Maxacali.
- e) Website Espaço do Conhecimento UFMG: Mundos Indígenas.
- f) Website PPGAN Audiovisual UFMG
- g) Website UFBA: ver livro em
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32949>
- h) Website Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG.



13. MUKURIN

Terra Indígena Mukurin em processo de identificação em Minas Gerais.

Município: Campanário.

Bacia hidrográfica do Rio Doce.

Bioma Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website CEDEFES.
- d) Website Editora da UFMG: ver Livro Notícias dos selvagens do Mucuri <https://www.ufmg.br/boletim/bol1356/quinta.shtml>
- e) Website ISA.
- f) Website Observatório dos conflitos socioambientais - GESTA UFMG.



14. PANKARARU

Dominial Indígena Pankararu de Araçuaí e Terra indígena Cinta Vermelha de Jundiba em processo de identificação em Minas Gerais.

Municípios Araçuaí e Coronel Murta.

Bacia hidrográfica do Jequitinhonha.

Bioma Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website CEDEFES.
- c) Website contracartografias.
- d) Website Funai.
- e) Website ISA.
- f) Website Laboratório de antropologia da imagem e do som/ LISA-USP.
- g) Website Museu Virtual dos Povos Pankararu.



15. PATAXÓ

Terras indígenas identificadas e em processo na Bahia e Minas Gerais: aldeia Naô Xohã, Cinta Vermelha de Jundiba, Fazenda Guarani (em Minas Gerais).

Municípios de Araçuaí, Belo Horizonte, Carmésia e São Joaquim de Bicas.

Bacia Hidrográfica do rio Doce e rio São Francisco e litoral do oceano Atlântico.

Biomas Cerrado, Mata Atlântica e Restingas.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Colégio Estadual Indígena da Serra do Pandeiro.
- b) Website Apib (Música Demarcação Já em 2017).
- c) Website Beira d'água.
- d) Website CBH Rio das Velhas.
- e) Website CEDEFES.
- f) Website Cinemateca Brasileira: 04 filmes do Povo Indígena Pataxó.
- g) Website contracartografias.



h) Website ISA.

i) Website Museu Virtual Muka Mukaú dos Pataxó.

j) Website Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG.

k) Website Olimpíadas de História:

https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/3-curso/planos_de_aula/index/page:5

l) Website PPGAN Audiovisual UFMG.



16. PATAXÓ HÃ-HÃ-HÃE

Terras Indígenas identificadas e em processo de identificação na Bahia e em Minas Gerais (Aldeia Pataxó Naô Xohã...).

Município de Belo Horizonte e São Joaquim de Bicas (RMBH).

Bacia Hidrográfica do rio Doce e rio São Francisco.

Bioma Cerrado e Mata Atlântica.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website Beira d'água.
- d) Website CBH Rio das Velhas.
- e) Website CEDEFES.
- f) Website contracartografias.
- g) Website Funai.
- h) Website Índios Online.
- i) Website ISA.



17. PURI

Terra Indígena em processo de identificação em Minas Gerais.

Município Muriaé.

Bacia hidrográfica do Rio Doce e do Rio Grande.

Bioma Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Instagram, Centro de Memória do Povo Puri.
- b) Website Apib.
- c) Website do Arquivo Público Mineiro.
- d) Website CEDEFES.
- e) Web contracartografias.
- f) Website Funai.
- g) Website ISA.



18. QUECHUÁ (Quíchua)

Terras Indígenas nos Andes (Peru).

Município de Belo Horizonte.

Bacia hidrográfica do rio São Francisco.

Bioma Cerrado e Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Britannica Escola (Capes).
- c) Website contracartografias.
- d) Website Funai.
- e) Website ISA (Matsés).



19. TIKUNA (Ticuna)

Terras Indígenas identificadas e em processo no estado do Amazonas.

Município Belo Horizonte.

Bacia hidrográfica do Rio Amazonas e do Rio São Francisco.

Bioma Amazônico e Cerrado.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Museu Indígena Maguta.
- b) Website Apib.
- c) Website contracartografias.
- d) Website Funai.
- e) Website ISA.



20. TUPINAMBÁ

Terra Indígena não identificada em Minas Gerais.

Município não identificado em Minas Gerais (em estudo).

Bacia Hidrográfica não identificada.

Bioma não identificado.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Cine Kurumin – Festival Internacional do cinema indígena.
- c) Website contracartografias.
- d) Website Festival seres-rios.
- e) Website Funai.
- f) Website ISA.



21. TUXÁ

Terra Indígenas identificadas e em processo: Alagoas, na Bahia e em Pernambuco.

Município não identificado em Minas Gerais (em estudo).

Bacia hidrográfica do Rio São Francisco.

Bioma Mata Atlântica.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website Associação Brasileira de Antropologia (Abia)
- c) Website Beira d'água.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website Cinemateca Brasileira: 03 filmes sobre o Povo Tuxá.
- f) Website Funai.
- g) Website ISA.



22. XACRIABÁ

Terras indígenas identificadas e em processo de identificação em Minas Gerais: Dominial Indígena Riachão/Luiza do Vale, Terra Indígena Xacriabá, Terra Indígena Xacriabá Rancharia.

Municípios Cônego Marinho, Itacarambi, Rio Pardo de Minas, São João das Missões, Serranópolis de Minas.

Bacia hidrográfica São Francisco (médio).

Bioma Caatinga e Cerrado.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Instagram.
- b) Website Apib.
- c) Website Beira d'água.
- d) Website CEDEFES.
- e) Website contracartografias.
- f) Website Festival Seres-rios.
- g) Website Funai.
- h) Website ISA.



23. XUCURU-KARIRI

Terra Indígena Xukuru Kariri em processo de identificação: Alagoas e Bahia.

Município não identificado em Minas Gerais (em estudo).

Bioma Caatinga.

Litoral do Oceano Atlântico.

www.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website Cinemateca Brasileira Povo Indígena Xucuru-Kariri – 2 filmes.
- d) Website Funai.
- e) Website ISA.



24. WARAO

Terras indígenas na região da bacia hidrográfica do rio Orinoco na Venezuela.

Município Belo Horizonte.

Bacia Hidrográfica Rio São Francisco.

Bioma Cerrado e Mata Atlântica.

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website CBH Rio das Velhas.
- c) Website CEDEFES.
- d) Website CIMI.
- e) Website contracartografias.
- f) Website ISA.



25. INDÍGENAS (EM TERRITÓRIOS “URBANOS”)

(Em estudo).

WWW.

Para saber mais, pesquise no:

- a) Website Apib.
- b) Website do Arquivo Público Mineiro.
- c) Website Censo Indígena do IBGE – 2010.
- d) Website contracartografias.
- e) Website Funai.
- f) Website ISA - Podcast Copiô parente.
- g) Website Observatório de Olho nos Ruralistas.
- h) Website Observatório dos conflitos socioambientais –

GESTA UFMG:

- Episódio n 211 Juventude indígena e quilombola na Cop 26. 23 de outubro de 2021. Acesso em:
https://open.spotify.com/episode/5HPpNGq71JztI3zW8j4Ylx?si=-zevteKLR2mNdlUUBlchGg&utm_source=copy-link
- Episódio 115 Bolsonaro planeja cortar R\$ 71 milhões da Funai. 06 de setembro de 2019. Acesso em:



- https://open.spotify.com/episode/2qkNBYxf9H4Iri1UKm7BAj?si=pOSZyDeBR9arma2IJPqHEw&utm_source=copy-link
- Episódio 114 Câmara dos deputados pode travar retrocessos ambientais. 30 de agosto de 2019. Acesso em: https://open.spotify.com/episode/03IXyD4EJrebHhTnNfSfcM?si=G79tuyowRO2JMaeJWAAFMA&utm_source=copy-link
- i) Website UFMG – ver reportagem escrita por Ailton Krenak Trilhos Urbanos. Acesso em: <https://www.ufmg.br/diversa/17/index.php/populacoes/trilhos-urbanos>





Figura 9 – Pico da Bandeira - Parque Nacional do Caparaó em Alto do Caparaó.
Fonte: website do município Alto do Caparaó.





Figura 10 – Pico Itacolomi – Parque Estadual do Itacolomi em Ouro Preto e Mariana.
Fonte: IEF.

Serra do espinhaço e a região intermediária de Belo Horizonte

Conforme a recente classificação proposta pelo IBGE (2017), o Pico do Itacolomi está situado na região imediata de Santa Bárbara-Ouro Preto, que por sua vez faz parte da região geográfica intermediária de Belo Horizonte. É importante mencionar alguns aspectos relevantes acerca dos biomas, da hidrografia e do relevo, que compõem essa região. Uma vez que é possível identificar nascentes e afluentes dos rios Doce e das Velhas, cujas margens podem ser caracterizadas por uma vegetação de Cerrado ou Mata Atlântica, sendo que ambas fazem parte da Serra do Espinhaço.



Para saber mais: consulte e pesquise no website contracartografias do Projeto Alternativas do Desenvolvimento Decolonial: uma contracartografia dos territórios urbanos de povos tradicionais no Pará e em Minas Gerais, Brasil da UFMG/UFGA/Fase Amazônia/Sheffield

Povos tradicionais na Região Metropolitana de Belo Horizonte

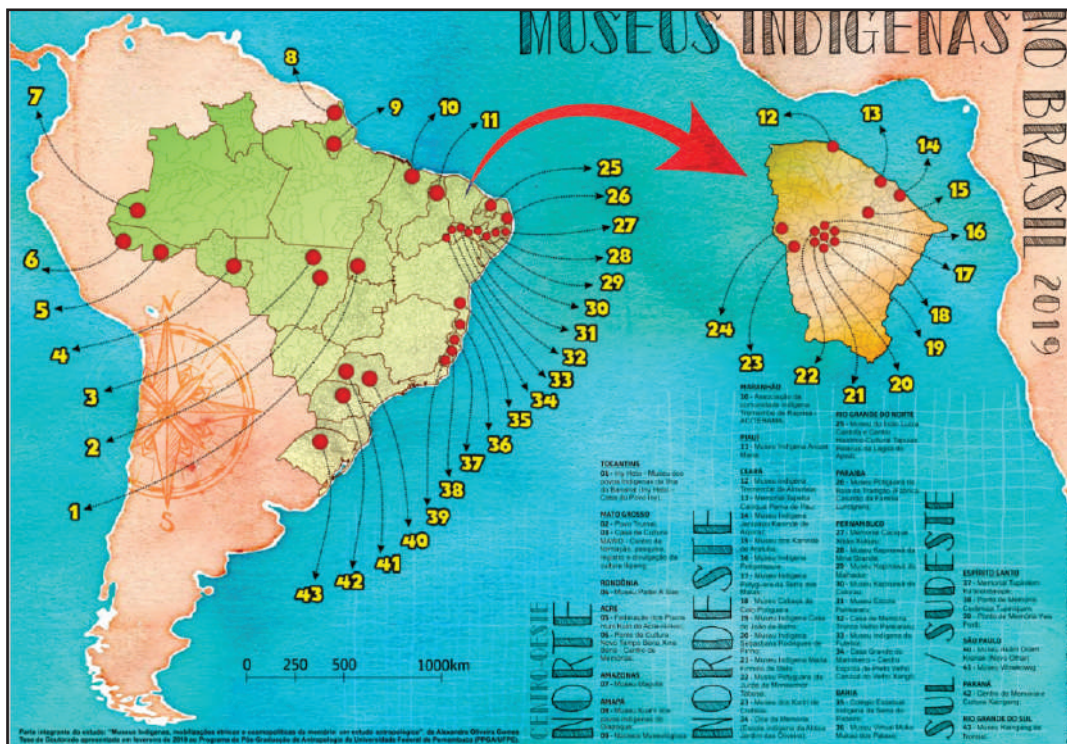


Figura 11 – Mapa da América do Sul: Museus indígenas no Brasil. 2019.
Fonte: Alexandre Gomes (2019).



A alimentação dos Povos Indígenas que vivem nos Biomas Brasileiros

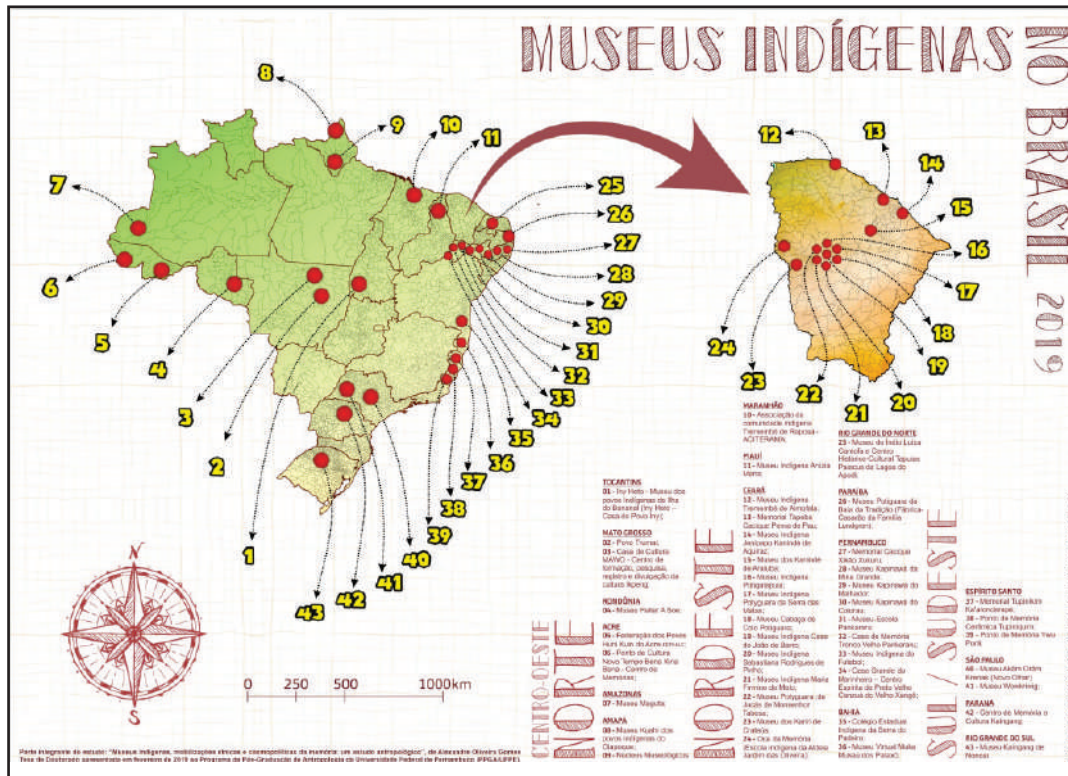


Figura 12 – Mapa do Brasil: Museus indígenas no Brasil. 2019.
 Fonte: Alexandre Gomes (2019).



A alimentação dos Povos Indígenas que vivem nos Biomas Brasileiros

#	MUSEU INDÍGENA OU INICIATIVA MUSEOLÓGICA	POVOS	MUNICÍPIO/DISTRITO LOCALIDADE	UF
1	Iny Heto - Museu dos povos Indígenas da Ilha do Bananal (Iny Heto – Casa do Povo Iny)	JAVAÉ / KARAJÁ	Formoso do Araguaia	TO
2	Povo Trumai	TRUMAI	Parque Nacional do Xingu	MT
3	Casa de Cultura MAWO - Centro de formação, pesquisa, registro e divulgação da cultura Ikpeng	IKPENG	Parque Nacional do Xingu	MT
4	Museu Paiter A Soe	PAITER SURUI	Cacoal	RO
5	Federação dos Povos Huni Kuin do Acre – FEPHAC	HUNI KUIN	Rio Branco	AC
6	Ponto de Cultura Novo Tempo Bena Xina Bena - Centro de Memórias	HUNI KUIN / KAXINAWÁ - ALDEIA SÃO JOAQUIM	Jordão	AC
7	Museu Maguta	TIKUNA	Benjamin constant	AM
8	Museu Kuahí dos povos indígenas do Oiapoque	KARIPUNA / GALIBI / GALIBI-MARWORO / PALIKUR	Oiapoque	AP
9	Núcleos Museológicos Indígenas do estado do Amapá - Licenciatura Intercultural - UNIFAP)	Vários povos	Santana	AP
10	Associação da comunidade indígena Tremembé de Raposa – ACITRERAMA	TREMEMBÉ	Raposa	MA
11	Museu Indígena Antzia Maria	TABAJARA e TAPUYO-ITAMARATY DE NAZARÉ	Lagoa de São Francisco	PI
12	Museu Indígena Tremembé de Almofala	TREMEMBÉ	Itarema	CE
13	Memorial Tapeba Cacique Perna de Pau	TAPEBA	Caucaia	CE
14	Museu Indígena Jenipapo Kanindé de Aquiraz	JENIPAPO KANINDÉ	Aquiraz	CE
15	Museu dos Kanindé de Aratuba	KANINDÉ	Aratuba	CE
16	Museu Indígena Potiguarapua	POTYGUARA, TABAJARA, GAVIÃO, TUBIBA-TAPYUA	Monsenhor Tabosa	CE
17	Museu Indígena Potiguara da Serra das Matas	POTYGUARA	Monsenhor Tabosa	CE
18	Museu Cabaça de Colo Potiguara	POTYGUARA - ALDEIA JACINTO	Monsenhor Tabosa	CE
19	Museu Indígena Casa do João de Barro	GAVIÃO	Monsenhor Tabosa	CE
20	Museu Indígena Sebastiana Rodrigues de Pinho	POTYGUARA	Monsenhor Tabosa	CE
21	Museu Indígena Maria Firmino de Melo	POTYGUARA - ALDEIA TOURÃO	Monsenhor Tabosa	CE

Figura 13 – Tabela de Museus indígenas ou iniciativa museológica.

Fonte: Alexandre Gomes (2019).

#	MUSEU INDÍGENA OU INICIATIVA MUSEOLÓGICA	POVOS	MUNICÍPIO/DISTRITO LOCALIDADE	UF
22	Museu Potiguara de Jucás de Monsenhor Tabosa	POTYGUARA	Monsenhor Tabosa	CE
23	Museu dos Kariri de Crateús	KARIRI	Crateús	CE
24	Oca da Memória (Escola indígena da Aldeia Jardim das Oliveiras)	TABAJARA e KALABAÇA	Poranga	CE
25	Museu do Índio Luíza Cantofa e Centro Histórico-Cultural Tapuias Paiaclus da Lagoa do Apodi	TAPUIAS PAIACUS	Apodi	RN
26	Museu Potiguara da Baía da Tradição (Fábrica-Casarão da Família Lundgren)	POTYGUARA	Baía da Tradição	PB
27	Memorial Cacique Xikão Xukuru	XUKURU DO ORORUBÁ	Pesqueira	PE
28	Museu Kapinawá da Mina Grande	KAPINAWÁ	Buíque	PE
29	Museu Kapinawá do Malhador	KAPINAWÁ	Buíque	PE
30	Museu Kapinawá do Colorau	KAPINAWÁ	Buíque	PE
31	Museu-Escola Pankararu	PANKARARU	Tacaratu	PE
32	Casa de Memória Tronco Velho Pankararu	PANKARARU	Tacaratu	PE
33	Museu Indígena do Futebol	Comunidade Indígena-Quilombola Tiririca dos Crioulos	Carnaubeira da Penha	PE
34	Casa Grande do Marinheiro – Centro Espírita de Preto Velho Canzuá do Velho Xangô	Comunidade Indígena-Quilombola Tiririca dos Crioulos	Carnaubeira da Penha	PE
35	Colégio Estadual Indígena da Serra do Padeiro	PATAXÓ	Buerarema	BA
36	Museu Virtual Muka Mukaú dos Pataxó	PATAXÓ	Porto Seguro	BA
37	Memorial Tupinikim Ka'arondarapé	TUPINIKIM	Aracruz	ES
38	Ponto de Memória Cerâmica Tupiniquim	TUPINIKIM	Aracruz	ES
39	Ponto de Memória Ywu Porã	GUARANI	?	ES
40	Museu Akãm Orãm Krenak (Novo Olhar)	KRENAK	Arco Íris	SP
41	Museu Wowkriwig	KAINGANG	Arco Íris	SP
42	Centro de Memória e Cultura Kaingang	KAINGANG - TI APUCARANANINHA	Tamarana	PR
43	Museu Kaingang de Nonoai	KAINGANG	Nonoai	RS

Figura 14 – Tabela de Museus indígenas ou iniciativa museológica.

Fonte: Alexandre Gomes (2019).



Povos Indígenas no Brasil: Lista de Variados Coletivos e Websites

Gráfico e tabela - População indígena no Brasil

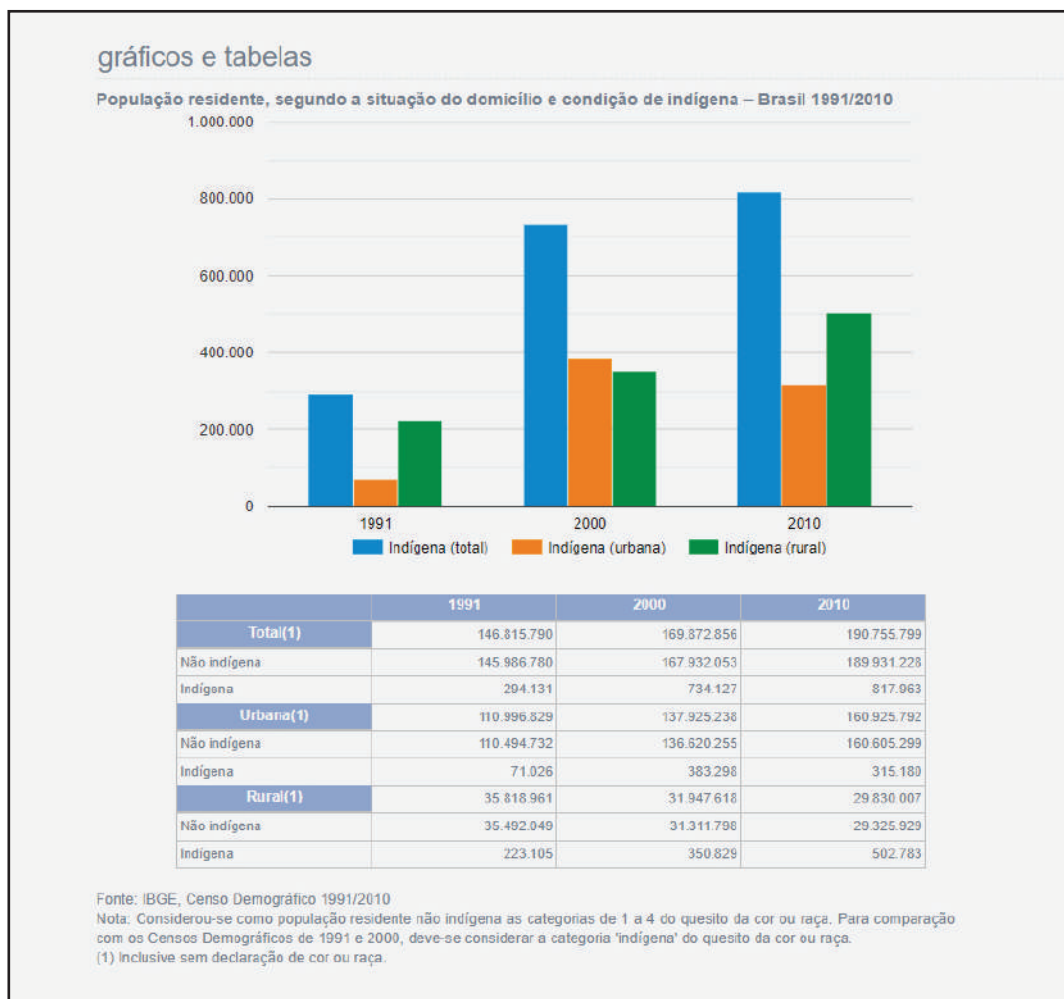


Figura 15 – Gráficos e tabelas –População residente, segundo situação do domicílio e condição indígena – Brasil 1991/2010.

Fonte: Censo demográfico 1991/2010 - IBGE.



- 1) Apib – Articulação dos Povos indígenas do Brasil: <https://apiboficial.org/>
- 2) Arquivo Público Mineiro: | APM (cultura.mg.gov.br)
- 3) ABA – Associação Brasileira de Antropologia (Comissão ABIA):
<http://www.portal.abant.org.br/>
- 4) ABECS – Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais:
<https://abecs.com.br/>
- 5) Associação Filmes de Quintal: <https://www.blog.filmesdequintal.org.br/>
- 6) Armazém da Memória: <http://armazemmemoria.com.br/>
- 7) Beira d'água: <https://beirasdagua.org.br/povos/>
- 8) Biblioteca Digital Curt Nimuendaju: <http://www.etnolinguistica.org/>
- 9) CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva:
<https://www.cedefes.org.br/>
- 10) Censo Indígena do IBGE (2010): <https://indigenas.ibge.gov.br/>
- 11) Centro de Memória do Povo Puri:
<https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>
- 12) CIMI – Conselho Indigenista Missionário: <https://cimi.org.br/>
- 13) Cineastas Mbyá: <https://m.youtube.com/channel/UCV-qMU7d23R4ia13s2j4lCw>
- 14) Cine kurumin – Festival Internacional de Cinema Indígena:
<https://cinekurumin.org/>
- 15) Comitê Bacia Rio das Velhas: <https://cbhvelhas.org.br/>
- 16) Copiô parente: <https://soundcloud.com/socioambiental>



- 17) De olho nos ruralistas – Observatório do Agronegócio no Brasil:
<https://deolhonosruralistas.com.br/>
- 18) Editora Mazza Nandyala: <https://www.mazzaedicoes.com.br/>
- 19) Espaço do conhecimento UFMG – Mundos Indígenas:
<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/acontece/visitavirtual-2/>
- 20) Festival Seres-Rios: <https://seresrios.org/referencias/>
- 21) FIEI UFMG – Formação Intercultural para Educadores Indígenas da
Universidade Federal de Minas Gerais: <https://fiei.fae.ufmg.br/>
- 22) Fifer UFPE – Festival Internacional do filme etnográfico do Recife:
<https://sites.ufpe.br/filmedorecife/>
- 23) FNEEI – Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena: <http://fneei.org/>
- 24) Fundação Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>
- 25) Fundo Mari/ CEstA USP – Centro de Estudos Ameríndios da
Universidade de São Paulo: <https://cesta.fflch.usp.br/node/10>
- 26) Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena:
<https://institutoiepe.org.br/>
- 27) IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/>
- 28) IGPA Puc-Go: <https://sites.pucgoias.edu.br/pesquisa/igpa/>
- 29) ÍNDIOS ONLINE: <https://www.indiosonline.net/>
- 30) IPHAN: [Home - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional](#)
- 31) Laced – Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e
Desenvolvimento: <http://laced.etc.br/>



- 32) Larme – Laboratório de Antropologia da Arte, Ritual e Memória:
<https://ppgas.museunacional.ufrj.br/larme.html>
- 33) LISA USP – Laboratório de Antropologia da Imagem e Som da
Universidade de São Paulo: <https://lisa.fflch.usp.br/>
- 34) Livraria Maracá: <https://www.livrariamaraca.com.br/>
- 35) MAEA Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF:
<https://www2.ufjf.br/procult/orgaos-executores/museu-de-arqueologia-e-etnologia-americana/>
- 36) MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin:
<https://www.facebook.com/movimentosdosartistashunikuin>
- 37) Memorial Vagalumes: <https://www.memorialvagalumes.com.br/>
- 38) Museu do Índio da Universidade Federal de Uberlândia:
<https://ufu.br/unidades-organizacionais/museu-do-indio>
- 39) MI Funai – Museu do Índio da Fundação Nacional do Índio:
<http://www.museudoindio.gov.br/>
- 40) Museu Antropológico UFG: [Museu \(ufg.br\)](http://museu.ufg.br)
- 41) Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR: [Espaços – MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR](http://www.museu.ufpr.br)
- 42) Museu de Arqueologia e Etnologia da USP: [Museu de Arqueologia e Etnologia \(usp.br\)](http://www.museu.usp.br)
- 43) Museu Paraense Emílio Goldi: [https://www.gov.br/museugoeldi/pt-br](http://www.gov.br/museugoeldi/pt-br)
- 44) Museu Paranaense: [Museu Paranaense](http://www.museuparanaense.com.br)
- 45) Museus Indígenas no Brasil (Tese): [RI UFPE: Museus indígenas,](http://www.ufpe.br)



mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória : um estudo
antropológico

46) Museu Virtual do Povo Pankararu: [INÍCIO | Pankararu](http://INICIO | Pankararu)
(museudopovopankararu.com.br)

47) Neppi UCDB – Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas
da Universidade Católica Dom Bosco:

<https://site.ucdb.br/noticias/ucdb/6/nucleo-de-estudos-e-pesquisas-das-populacoes-indigenas-da-ucdb-mantem-atendimento-de-forma-virtual/59733/>

48) Núcleo Takinahaky UFG – Universidade Federal de Goiás:

<https://m.youtube.com/watch?v=yjlsHJ0fLGI>

49) Observatório dos conflitos socioambientais – GESTA UFMG:

<https://gestaprod.lcc.ufmg.br/>

50) PIB ISA – Povos Indígenas no Brasil do Instituto Socioambiental:

https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal

51) Poéticas Ameríndias UFSB: amerindias.art.br

52) Povo Kaxixó na Rede social instagram: [@povo_kaxixo](https://www.instagram.com/povo_kaxixo)

53) PPGAN UFMG: <https://www.fafich.ufmg.br/ppgan/ppgan-audiovisual/>

54) Radio Yandê: <https://radioyande.com/>

55) Rede Cine Flecha: <https://redecineflecha.org/mirando-mundos-possiveis/>

56) REMAAE – Rede de Museus e de Acervos Arqueológicos e Etnográficos:

<https://acervosarqueologicos.wordpress.com/remaae/>



Plano de Aula 10 – Atividade Avaliativa: Organização de uma visita técnica

Plano de Aula 11 – Atividade Avaliativa: Iniciação à pesquisa social. Etapa 2

Etapa 2: "Humanidades e sua passagem para a imagem" (4 horas/aula)

Para iniciar esta etapa da pesquisa sobre A alimentação entre os povos indígenas situados na zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região no escopo da Filosofia e Sociologia II e sua passagem para a imagem, será necessário atrelar a percepção ambiental com a produção de fotografia e o uso de fotos no escopo de uma curadoria.

Assim, primeiro reflita sobre os povos indígenas indicados no Manual técnico e didático: para cartografias sociais entre povos indígenas que vivem na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (MG) e também apresentados durante as aulas da disciplina de Filosofia e Sociologia II. Segundo, reflita sobre quais desses povos indígenas você pretende conhecer através do registro visual, isto é, por meio da produção fotográfica. Para isto, também considere durante sua reflexão as seguintes perguntas:

- a) Por que estudar a zona minero-metalúrgica de Ouro Preto e região em que vivemos?
- b) Como é o seu cotidiano?
- c) Você vai fazer um Ensaio Fotográfico, ou seja, fotos entre um povo indígena ou você irá fazer uma Curadoria de Fotos, isto é, uma



pesquisa com o uso de fotos feitas por outros fotógrafos? Note que no Manual técnico e didático: para cartografias sociais entre povos indígenas que vivem na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (MG), você encontrará uma lista com acervos compostos de documentos fotográficos vinculados aos povos indígenas que vivem em Minas Gerais.

- d) Após refletir as questões acima, comece a escrever o seu relatório de pesquisa de forma que explicita as razões de suas escolhas e indique qual povo indígena buscará realizar sua pesquisa através da produção fotográfica e/ou uso de fotos.

Plano de Aula 12 – Atividade Avaliativa: Iniciação à Pesquisa social. Etapa 3

Etapa 3: “Ensaio fotográfico e/ou curadoria de foto(s)” (4 horas/aula)

- a) Este é o momento de ir ao local escolhido (físico ou virtual), dialogar com as pessoas sobre a pesquisa e realizar as fotografias. Caso prefira usar fotos feitas por outras pessoas, este é o momento de estudo e pesquisa nos acervos arqueológicos e etnográficos para encontrar essas fotos que podem estar presentes no ciberespaço ou impressas em álbuns, em livros e demais obras bibliográficas e depositados em Arquivos, Bibliotecas, Museus, Universidades, dentre outros.
- b) Após essa experiência fotográfica ou cinematográfica continue a escrever o seu relatório de pesquisa.



Plano de Aula 13 – Atividade Avaliativa: Iniciação à Pesquisa social. Etapa 4

Etapa 4: “Mostra de fotos virtual e coletiva”

Crie um tópico em seu relatório de pesquisa, que consistirá nos resultados atingidos. Para tanto, siga os seguintes passos:

- a) Selecione as fotos (mínimo 01 e máximo 05 fotos) sobre o tema de pesquisa A alimentação entre os povos indígenas situados na zona mineiro-metalúrgica de Ouro Preto e região.
- b) Descreva os resultados de suas ações de pesquisa que melhor demonstre tal experiência visual com o povo indígena escolhido: (i) de curadoria caso as fotos selecionadas foram feitas por outras pessoas (curadoria de fotos) ou de fotógrafo caso a seleção das fotos tenha consistido em fotografias feitas por você (ensaio fotográfico).
- c) Escrita de uma legenda para cada foto selecionada. A legenda deve conter, preferencialmente, data, autoria da foto e fonte, se for o caso.
- d) Envio do relatório de pesquisa em PDF contendo o resultado a seleção das fotos digitais (mínimo 01 e máximo 05) em arquivo de imagens com as devidas legendas e com um título: – Curadoria de fotos: título
– Ensaio fotográfico: título
- d) Término do prazo de entrega: a combinar pelo AVA (Moodle).



Plano de Aula 14 – Atividade Avaliativa: Organização da mostra fotográfica. Etapa 5 “Mostra de fotos virtual e coletiva”.

Plano de Aula 15 – Organização da Mostra Fotográfica na Galeria Ney Cokda, do IFMG Campus Ouro Preto.

Agendamento do espaço para organização da exposição temporária. Divisão dos estudantes em grupo para as fases da pré-montagem, montagem e desmontagem da exposição.





RESULTADOS



- 1** Potenciais projetos de iniciação científica a partir de cartografias sociais entre os povos indígenas.
- 2** Atividades artísticas com a organização da Mostra de fotos virtual e coletiva – Alimentação entre os povos indígenas situados na zona minero-metalúrgica de Ouro preto e região.





REFERÊNCIAS FOTOGRAFICAS



CEDEFES. Álbum de fotos Área Kaxixó. Acesso em:
<https://www.flickr.com/photos/193303721@N08/51510111669/in/album-72157719894986489/>

CEDEFES. Álbum de fotos do povo Krenak 1989. Acesso em: [Povo Krenak 1989 | Flickr](#)

CEDEFES. Álbum de fotos do povo Krenak no Parque Estadual do rio Doce. Acesso em: [Povo Krenak no Parque Estadual do Rio Doce | Data: \[?\] Local... | Flickr](#)

CEDEFES. Álbum de fotos do povo Maxacali na área Pataxó. Acesso em:
<https://www.flickr.com/photos/193303721@N08/51297559423/in/album-72157719509620523/>

INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. Parque Estadual do Itacolomi. Pico do Itacolomi. Acesso em: <http://www.ief.mg.gov.br/>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Verbete Pankararu. Acesso em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankararu>

Website do município Alto Caparaó – Minas Gerais. Acesso em: [Imagens - Categoria: Pico da Bandeira \(altocaparao.mg.gov.br\)](#)

WIKIPÉDIA. Parque Estadual do Rio Doce. Acesso em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Estadual_do_Rio_Doce





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CARAJÁ, Adriana Fernandes; CARAJÁ, Eni. Carajá. Carajá. In: website **Contracartografias**. Acesso em: <https://www.contracartografias.com/copy-of-territ%C3%B3rio-quilombola-de-abac>

BBC News. "Os superalimentos desprezados que poderiam ajudar a reduzir a fome no Brasil" do dia 30 de janeiro de 2022. 14 minutos e 01 segundo. Acesse o Canal da BBC News do youtube.

BRASIL. Lei nº 11.645, 2008. Altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014. [Edição extra – seção 1]. Acesso em: PNE – Plano Nacional de Educação - Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.005/2014 (mec.gov.br).

CAIUBY NOVAES, Sylvia [et al.] (orgs). **A experiência da imagem etnográfica**. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, pp. 153-190. 2016.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Cineastas indígenas e pensamento selvagem. **Devires – Cinema e Humanidades** (UFMG), v.5, p. 98-125, 2008.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/SMC, 1992.



CEDEFES. *Povos Indígenas em Minas Gerais. Quem são?* Disponível em:

<https://www.cedefes.org.br/povos-indigenas-destaque/>

COELHO DE SOUZA, Marcela S. A cultura invisível: conhecimento indígena e patrimônio imaterial. **Anuário Antropológico**, v.35, n.1, p. 179-210, 2010.

CRUZ, Fabiana Thomé; MENASCHE, Renata. Do consumo à produção: produtos locais, olhares cruzados. **Revista IDEAS**, v. 5, n. 1, p. 91-114, 2011.

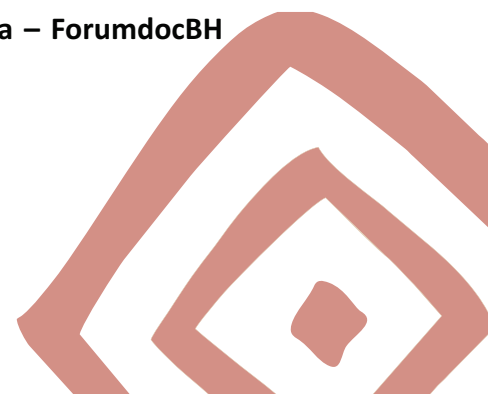
ECKERT, Cornelia; ROCHA, Carla; RIAL, Carmen. Antropologia visual no 18 IUAES: a realização das mostras fotográficas. In: GROSSI, Miriam Pillar; WELTER, Tânia (orgs.). **Etnografia de um Congresso: a organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia no Brasil**. org. Brasília (DF): ABA; Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, p. 269-278, 2020.

EDWARDS, Elizabeth. Rastreando a fotografia. In: BARBOSA, Andrea [et al.] (orgs.). **A experiência da imagem etnográfica**. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, pp. 153-190. 2016.

FILHO, Aderval; MENDES, Ana Beatriz; SANTOS, Flávia. Mapeamento dos Povos e Comunidades tradicionais de Minas Gerais: visibilização e inclusão sociopolítica. um breve relato sobre incursões no semiárido mineiro. **Interfaces – Revista de Extensão**, v. 3, n. 1, p. 69-88, jul./dez. 2015.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico**. Tese de Doutorado em Antropologia. Orientador Dr. Renato Monteiro Athias. Programa de Pós-graduação em Antropologia/UFPE.2019. Acesso em: [RI UFPE: Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória : um estudo antropológico](#)

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. In VALE, G.; TORRES, J.; ITALIANO, C. (Org.). **21º Festival do filme documentário e etnográfico/ Fórum de Antropologia e Cinema – ForumdocBH**



2017. Belo Horizonte: Catálogo. Associação Filmes de Quintal/ Imprensa Universitária da UFMG, p.132-139. 2017. Disponível em: http://www.forumdoc.org.br/catalogos/catalogo_forumdoc_2017.pdf

INGOLD, Tim. 2005. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação. **Revista Religião e Sociedade**, volume 25, número 1, p. 76-110, julho 2005.

INGOLD, Tim. Pare, olhe e escute! Visão, audição e movimento humano. **PontoUrbe**. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1925>. Acesso em: 09-01-22.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Indígena de 2010. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. 2017. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes | Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias : 2017](#)

Instituto Chico Mendes. Parque Nacional do Caparaó. Acesso em: <https://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/>

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. Inventário Cultural do Rio São Francisco. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2015. Acesso em: Bens Inventariados: Rio São Francisco (iepha.mg.gov.br).

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Bibliotecários da rede de bibliotecas do IFMG. Belo Horizonte: IFMG. 2020. Portaria Nº 244 de 21 de Fevereiro de 2020.



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Verbetes. [Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://socioambiental.org)

KATZ, Esther. Introdução. In: CAVIGNAC, Julie; WOORTMANN, Ellen (orgs). **Ensaio sobre antropologia da alimentação [recurso eletrônico]: saberes, dinâmicas e patrimônios**. Natal, RN: EDUFRRN, ABA Publicações. 2016.

KRENAK, Ailton. **O lugar onde a terra descansa**. Rio de Janeiro: Eco Rio, Nova Lima, MG: Núcleo de Cultura Indígena, 2000.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia da USP**. v. 57 n. 1 (2014). Disponível em http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702/pdf_1

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 1ª edição Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Editora Ubu: 2017.

MINTZ, S. W.. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, 16(47), 31-42, 2001.

MONTEIRO, JOHN. **Guia de fontes para história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros. Acervos das capitais**. São Paulo: NHII-USp/ Fapesp, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Editora Global, 2015.

PIAULT, Marc-Henri. A antropologia e a sua “passagem à imagem”. **Cadernos de Antropologia e Imagem/UERJ**. Vol. 1, n1, p. 23-30, 1995.



POULAIN, Jean-Pierre. A gastrominização das cozinhas. In: CAVIGNAC, Julie; WOORTMANN, Ellen. **Ensaio sobre antropologia da alimentação [recurso eletrônico]: saberes, dinâmicas e patrimônios**. Natal, RN: EDUFRN, ABA Publicações. 2016.

REIS, Paula Grazielle Viana dos. Manual técnico e didático para cartografias entre povos indígenas que vivem na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (MG). Relatório Final (2020-2022) do Núcleo de Artes e Sociologia PIBID UFMG – [Lamparina: revista de ensino de teatro. Revista de Ensino de Artes Cênicas | EBA/UFMG: PIBID 2020/2022 – Experiência Interdisciplinar Artes e Sociologia](#), v. 03, N. 12, p. 192-232, 2022.

RIBEIRO, Berta & VELTHEM, Lucia. “Coleções Etnográficas: documentos materiais para história indígenas e a etnologia” In: Carneiro da Cunha, M. (org.), **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/SMC, p. 103-112, 1992.

RICARDO, Fany; SANTOS, Tiago. Povos Indígenas no Brasil 2017-2022 – Instituto Socioambiental. São Paulo: Editora Instituto Socioambiental, 2023.

SAMAIN, Etienne (org). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

UNESCO - <https://en.unesco.org/biosphere/lac/espinhaco>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-GESTA. Observatório dos conflitos socioambientais de Minas Gerais. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/>

WOORTMANN, Ellen. Memória alimentar: prescrições e proscricões. In: CAVIGNAC, Julie; WOORTMANN, Ellen. **Ensaio sobre antropologia da alimentação [recurso eletrônico]: saberes, dinâmicas e patrimônios**. Natal, RN: EDUFRN, ABA Publicações. 2016.





Paula Grazielle Viana dos Reis

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora de Educação Básica (ensino de Sociologia para o Ensino Médio) na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE-MG).

Website pessoal: www.etnologiaindigena.wordpress.com



Produção:



Diagramação:

Reginaldo Luzanilo

